

10- 2^a

RUBEM BRAGA

NÓS E O CRIME

O CERTO, naquele instante, seria o ex-campeão olímpico negro Rafer Johnson, no segundo mesmo que o bandido puxava o gatilho, dar um salto magistral e acertar um pontapé na mão do miserável. A bala poderia matar o próprio autor do atentado, ou, melhor ainda, o xerife (pai da mocinha), que era o mandante do crime.

O mal da civilização do «bang-bang» é que a vida não imita a «arte». Na vida real o mocinho morre mesmo. Os americanos não inventaram o culto da violência, mas o introduziram como principal diversão da vida cotidiana. No cinema e na televisão o «bang-bang» é diário, produzido industrialmente. Eles, que têm mania de estatística, ainda não contaram, segundo creio, quantas vezes é puxado o gatilho em 24 horas de televisão e cinema em todo o país.

Essa orgia de tiroteios eles a vendem ao mundo. Convido a direção da CONTEL a calcular quantos tiros norte-americanos são disparados em nossa televisão cada dia

da semana. Compramos barato esses tiroteios, porque o mercado interno de lá já os pagou várias vezes. Assim mesmo gastamos muito dinheiro para fazer a propaganda do «american way of life», isto é, do estilo americano de matar. Qualquer vagabundo de favela, ao praticar um assalto, traduz literalmente o assaltante americano: «isto é um assalto». O revólver é glorificado incessantemente, pois o sujeito que melhor o usa é o melhor sujeito, e no fim é o dono da moça mais bonita.

Devíamos tirar alguma utilidade dessa tragédia ignóbil que levou o segundo Kennedy apenas algumas semanas depois de Luther King: censurar a violência enlatada que importamos dos Estados Unidos. Aproveitar estes momentos em que seu governo não teria moral para reclamar em proteção de seus interesses comerciais. Em homenagem ao que há de melhor nos Estados Unidos devíamos sanear a imprensa, o cinema e a televisão, banindo essas intermináveis e cretinas histórias de pistoleiros.

DN - 9. 6. 68